

# ARTESANIA E O OFÍCIO DE SER PROFESSOR: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

## CRAFTSMANSHIP AND LABOR OF BEING TEACHER: A THEORETICAL REFLECTION

Luciane Pozzobon<sup>1</sup>, Eliane Aparecida dos Santos<sup>2</sup> e Marcio Tascheto da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Este estudo busca fazer uma reflexão teórica acerca da importância do papel do professor, num contexto de artesanania, formação docente, experiência a partir de uma ressignificação do ofício de ser professor. A partir da conceituação de alguns autores, este artigo propõe uma reflexão sobre a artesanania e o ofício de ser professor, num universo de experiência e representação de saberes da docência, buscando saber se experiências passam pelo fazer docente, num contexto formativo de vida, humanização e construção de saberes da experiência. O delineamento metodológico deste estudo é de revisão bibliográfica, de cunho exploratório, baseado nas reflexões de autores como, Larrosa (2019), Sennett (2021), Pimenta (1999), Tardif (2002), Nóvoa (2022), García (1999), entre outros, através de novos paradigmas, acerca da conceituação de artesanania, do ofício de ser professor e da experiência, como identidade dos saberes docentes. O mesmo foi organizado em quatro tópicos, sendo que o primeiro trata do percurso metodológico para a pesquisa deste tema. O segundo trata da artesanania e do ofício de ser professor num contexto de auto formação. O outro refere-se à experiência e representação de saberes da docência, sendo que, o último, traz as considerações finais sobre o tema proposto. Com este estudo, espera-se contribuir com reflexões acerca da conceituação de artesanania, do ofício de ser professor e da experiência, como prática dos saberes docentes.

**Palavras-chave:** docência; saberes docentes; experiência.

### ABSTRACT

*This study seeks a theoretical reflection on the importance of the teacher's role in the context of craftsmanship, teacher training, and experience through a redefinition of the teaching profession. Drawing on the conceptualizations of various authors, this article proposes a reflection on craftsmanship and the teaching profession within the realm of experiential knowledge and representation of teaching practices. It aims to explore whether experiences are shaped by teaching practices in a formative context of life, humanization, and the construction of experiential knowledge. The methodological design of this study is based on a literature review of an exploratory nature, drawing on the reflections of authors such as Larrosa (2019), Sennett (2021), Pimenta (1999), Tardif (2002), Nóvoa (2022), García (1999), among others, who offer new paradigms for conceptualizing craftsmanship, the teaching profession, and experience as the identity of teaching knowledge. The study is organized into four sections, with the first addressing the methodological approach to researching this topic. The second section discusses craftsmanship and the teaching profession in the context of*

1 Licenciada em História, Professora da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria (RS) e Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana - UFN. E-mail: luciane.pozzobon@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2302-6934>

2 Doutora em Educação, Professora no Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana - UFN. E-mail: eliane@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3982-7297>

3 Doutor em História, Professor no Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana - UFN. E-mail: tascheto@ufn.edu.br. ORCID: ?

*self-formation. The third section focuses on the experience and representation of teaching knowledge, while the final section presents the concluding remarks on the proposed topic. Through this study, it is hoped to contribute to reflections on the conceptualization of craftsmanship, the teaching profession, and experience as the practice of teaching knowledge.*

**Keywords:** *teaching; teacher knowledge; experience.*

## INTRODUÇÃO

A transformação do mundo está associada às conquistas tecnológicas e da ciência. O pensamento cartesiano solidificou o processo evolutivo humano no século XX, quando a racionalidade e a experimentação provocaram a separação entre o corpo e a mente, levando a separação entre ciência e ética, razão e sentimento. A área educacional foi influenciada pelo raciocínio lógico, fragmentado, enfatizado pelo pensamento quantificável da matéria, na ordem de conceitos complexos e na manipulação humana sobre a natureza.

Para Behrens (2013, p. 13) “esses referenciais alicerçaram a verdade científica no século XX e, se por um lado, possibilitaram a especialização conduzindo às conquistas científicas e tecnológicas de envergadura, por outro levaram o homem a separar ciência da ética e a razão do sentimento”. Essa visão fragmentada e tecnicista, levou à reprodução do conhecimento, da memorização e do autoritarismo implícito na passividade da escola, diante das verdades absolutas impostas por um sistema de controle rígido, representado pelo contexto da sociedade da época. A escola tinha um papel diferente da família, acentuado na medida que o ensino chegava às universidades.

O princípio da escolaridade foi tornado obrigatório e os sistemas de ensino foram organizados em ciclos. Ao aluno, cabia a obediência e à subserviência, afastados de criticidade e de expressividade. Ao professor, cabia a intelectualidade do ensino, tolhido de agregar uma dimensão sistêmica à aprendizagem, haja visto que a base da escola está no trabalho dos professores e dos alunos num processo de humanização, contribuição coletiva e interdisciplinar deles com o conhecimento e a transformação social. A sociedade civilizada é obra do trabalho humano e das riquezas que a humanidade pode desfrutar, mas não é garantia de igualdade; ao contrário, pode revelar-se em uma sociedade contraditória, desigual, onde parte dos seres humanos fique à margem destas conquistas. (PIMENTA, 1999)

Na segunda metade do século XX, a base cultural da humanidade passou a ser cada vez mais influenciada pelos avanços técnicos. O mesmo homem que criava, encurtava distâncias e intensificava a produção tecnológica, demonstrou ser capaz de destruir a si e a humanidade. A educação, como um processo humano evolutivo, objetiva tornar os indivíduos participantes e cidadãos, cabendo ao meio escolar fazer a mediação entre o sistema e a sociedade, enquanto prática social. Com a velocidade da tecnologia e da informação, a escola tornou-se inoperante diante da explícita necessidade de se fazer representar.

O modelo de escola em vigor passou a apresentar sinais de crise e de adequação. Os avanços técnicos, sozinhos, não são capazes de ressignificar a humanidade, urgindo no trato de algumas crises, entre elas, a da educação. Falar em crise é apontar os erros que a sociedade atual está alicerçada, naquilo que sabemos que não deu certo.

A escola faz parte desta urgência e, ao professor, foi deferido o reconhecimento de que para aprender não bastam os conhecimentos científicos; se faz necessário, os saberes pedagógicos, as experiências e a prática social de ensinar. Educar implica numa intencionalidade, num fazer que envolve a capacidade de construir e explorar novos conceitos. Os sujeitos que vivem o agora, o tempo presente e imediato têm inúmeros desafios que transcendem a experiência humana. Educar exige presença, ambiente, experiência e convívio nas diferentes situações de aprendizagem. O papel do professor, diante deste contexto, constitui uma potência para elevar a qualidade escolar, sendo importante uma atitude reflexiva e proativa do ensino.

É de fundamental importância trazer uma reflexão acerca da necessidade de uma nova identidade para o professor, enquanto ofício de formação, e a partir de uma ressignificação do seu fazer docente. O professor, enquanto autor de sua atividade, constrói seu fazer através de suas representações de mundo, saberes e anseios, sua própria história de vida. (PIMENTA, 1999)

A educação não está em todos os lugares, mas o professor está na escola e carrega a escola dentro de si. Suas vivências e experiências passam pelo seu fazer pedagógico, numa artesanania individual e coletiva, num contexto formativo de vida e humanização.

A partir da conceituação de alguns autores, como Sennett (2021), Pimenta (1999), Tardif (2003), Nóvoa (2022), Larrosa (2019), este artigo propõe uma reflexão sobre a experiência e o ofício de ser professor, num universo da artesanania e representação de saberes da docência de um mundo em metamorfose. Para tal, este artigo foi organizado em quatro tópicos. O primeiro trata do percurso metodológico para a pesquisa deste tema. O segundo trata da experiência e do ofício de ser professor num contexto de autoformação. O terceiro refere-se à artesanania e à representação de saberes da docência. Por fim, traz as considerações finais sobre os conceitos mobilizados.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Esse estudo, acerca da experiência e do ofício de ser professor, partiu do viés de pesquisa para dissertação de mestrado na Área de Ensino de Humanidades e Linguagens na Universidade Franciscana. O tema é relevante e caro para os autores, pois sinaliza uma necessidade formativa e humana no contexto do fazer docente, ao mesmo tempo, que aponta a necessidade de estudar novos paradigmas onde a experiência não está no tempo e sim nas vivências aprendidas. O ofício do professor aponta para novas discussões sobre o saber docente em mundo repleto de mudanças e desafios.

O delineamento metodológico deste estudo é de revisão bibliográfica, de cunho exploratório, baseado nas reflexões de autores como, Larrosa (2019), Sennett (2021), Pimenta (1999), Tardif (2003), Nóvoa (2022), García (1999), entre outros, através de novos paradigmas acerca da conceituação de artesanania, do ofício de ser professor e da experiência, como identidade dos saberes docentes. Com base na experiência dos autores, as etapas da pesquisa estão organizadas a partir da busca das fontes, leitura e fichamento do material, organização lógica e redação do texto. (Gil, 2002)

A proposta deste estudo está associada às observações relativas na construção do ofício de ser professor. O papel que o professor exerce sobre si e seu contexto são parte de sua importância no espaço público e comum da escola, o fazer pedagógico está inserido no território da comunidade escolar. Espera-se contribuir com a reflexão acerca do percurso da experiência, a partir da artesanania de si e as possibilidades de constituir saberes da experiência por meio do fazer docente.

## **A ARTESANIA E O OFÍCIO DE SER PROFESSOR**

A palavra artesanania é oriunda da língua espanhola e seu uso tem recorrência no Brasil. A artesanania remete ao artesanato e aos processos de experimentação, investigação, produção e de resultado final, na figura do artesão e de sua obra. O artesão, artífice em seu ofício, transita na busca de um resultado adequado, passando pela invenção, criação e metodologia apropriada ao seu trabalho, não sendo, necessariamente, somente uma preocupação com a produção final. (SENNETT, 2021)

Falar, comunicar-se, usar a linguagem do corpo e das emoções, são habilidades humanas que dão sentido ao que somos e o que nos acontece, ao que sentimos e importamos para dentro de nós. A habilidade artesanal traz a figura do artífice, o artesão que explora as suas dimensões de criação, empenho e avaliação de seu trabalho.

Segundo Sennett (2021, p.19),

A expressão 'habilidade artesanal' pode dar a entender um estilo de vida que desapareceu com o advento da sociedade industrial - o que, no entanto, é enganoso. Habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo. Abrange um espectro muito mais amplo que o trabalho derivado de habilidades manuais; diz respeito ao programa de computador, ao médico e ao artista; os cuidados paternos podem melhorar quando praticados como uma atividade bem capacitada, assim como a cidadania. Em todos estes terrenos, a habilidade artesanal está centrada em padrões objetivos, na coisa em si mesma.

O artesão, idealizado pelos gregos antigos, precisou aprender com as experiências, como cidadão e perpetuador de práticas materiais e culturais de seu contexto. Suas ideias conversam com sua prática, suas habilidades vinculam razão e emoção, mão e mente. A entrega de um artesão, passa pela perícia meticulosa de quem faz porque gosta, se aperfeiçoa e se motiva com a sua obra.

A habilidade foi ganhando função pública e o ofício de ser professor tornou-se uma profissão, como muitas outras. O ofício é oriundo das formas mais antigas de atividades profissionais da arte laboral

e das oficinas medievais. Desenvolvia-se uma habilidade ligada a uma atividade, originando uma profissão; médicos, padeiros, sapateiros, professores, são resultado da função oficial de uma habilidade.

Na visão de Sennett (2021, p. 35) o fazer está na “[...] origem do conceito de habilidade. É também a palavra que deu origem a poesia [...] e os poetas aparecem como artífices igualmente. Toda perícia artesanal é um trabalho voltado para a busca da qualidade”. O artesão, sob seus múltiplos ofícios, é o reflexo público do fazer, numa metamorfose de criação, experiência e adaptação. Nossa hipótese é que o professor pode ser um artesão em seu ofício e sua prática, gerando habilidades de aprender e ensinar a partir de sua experiência e obra, a arte de ensinar e aprender, reflexiva e dialogicamente.

A profissão de professor<sup>4</sup>, assim como as demais, emergiu como resposta a um contexto histórico, com a necessidade da instrução legalizada. Ou seja, o professor é um sujeito situado num processo de construção histórica. O ofício de ser professor surgiu num contexto histórico necessário da sociedade capitalista vigente, garantindo o ensino numa ótica de subserviência positivista e racionalista. Ao professor cabia a transmissão e a fragmentação do ensino; ao aluno, a recepção e a inexpressividade da criatividade, seguindo os moldes da sociedade industrial em ascensão. (TARDIF, 2002)

Importante ressaltar que a artesanania docente, professor em seu ofício, se constrói a partir do significado que ele mesmo atribui à sua profissão, ao valor de experiências e o quanto deseja se envolver num processo novo, associado à revisão constante das tradições profissionais sob novo sistema escolar vigente. (PIMENTA, 1999)

Larrosa (2019, p.35) afirma que:

[...] a educação foi pensada, basicamente, a partir de dois pontos de vista: o do par ciência/tecnologia e o do par teoria/prática. Para os positivistas, a educação é uma ciência aplicada. Para os assim chamados críticos, a educação é uma práxis reflexiva. Vocês, sem dúvida conhecem essas discussões que mobilizaram as últimas décadas.

O ensinar faz parte de uma das mais antigas profissões e durante muito tempo, foi visto como uma vocação; só a segue que tinha a missão de fazê-lo com dedicação e esmero moral. Ser um bom mestre implicava em ser alguém que exibia o seu bom trabalho com os jovens de sua época. Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar, esperava-se que a licenciatura desenvolvesse nos alunos os conhecimentos, habilidades, atitudes e valores e, no professor, a construção do saber docente de sua prática social. (PIMENTA, 1999)

Tardif (2003, p. 13), partindo dessa perspectiva, considera que

Contrariamente ao operário de uma indústria, o professor não trabalha apenas um ‘objeto’, ele trabalha com sujeitos e em função de um projeto: transformar os alunos, educa-los e instruí-los. Ensinar é agir com outros seres humanos; é saber agir com outros seres humanos que sabem que lhes ensino; é saber que ensino a outros seres humanos que sou um professor, etc. Daí decorre todo um jogo sutil de conhecimentos, de reconhecimentos e de papéis recíprocos, modificados por expectativas e perspectivas negociadas.

---

4 No Brasil, a profissão de professor ainda não está regulamentada.

Com a aceleração da sociedade atual, os professores, como sujeitos da experiência, estão cada vez mais dentro da escola, seja por formação permanente ou atualização, são parte da escola e o seu tempo está associado a ela, como parte de sua experiência e formação docente. Para Pimenta (2006, p. 20) “frente a situações novas que extrapolam a rotina, os profissionais criam, constroem novas soluções, novos caminhos, o que se dá por um processo de reflexão na ação”.

Não se trata, apenas, da formação docente; mas de autoformação, voltada para ações e reflexões acerca do significado do fazer pedagógico num contexto real, exposto pela falta de tempo e pelo excesso de informações, tornando a experiência diária como um curso que ultrapassa o ofício de ser professor. Pimenta (1999, p.29) “entende [...] que a formação é, na verdade, autoformação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianas, vivenciadas nos contextos escolares”.

Cabe aqui trazer que a autoformação passa pela hetero formação numa dimensão de que a formação engloba a experiência do outro, sendo formadora nas aprendizagens adquiridas nas relações com o outro e a partir do outro. A autoformação implica na necessidade do professor, como artesão de si, reelaborar seus saberes a partir de suas experiências vividas em seu espaço tempo escolar, suas vivências e dinâmicas refletidas em seu percurso profissional. A função pública do professor, também, passa por seu ressignificar crítico-reflexivo e pelos seus saberes de experiência. (LARROSA, 2019)

Numa perspectiva mais atualizada, o ofício do professor focado, excessivamente, nos currículos dos cursos de formação, centralizados em moldes profissionais, precisa modificar o seu enfoque técnico. Só existirão professores reflexivos com um projeto eficiente de formação respaldado em políticas públicas para além das retóricas que presenciamos quase que diariamente nos discursos governamentais. PIMENTA (2006)

Nas últimas décadas, paralelo à burocratização e à massificação da educação como um todo, ficou evidente a necessidade da qualificação e do reconhecimento docente. O ofício do professor, assim como os demais, requer formação constante e competência, assim como sua prática exige inserção nos sistemas educativos vigentes.

Lessard e Tardif (2008, p. 255)

consideram que essa profissão deve evoluir segundo uma lógica de profissionalização, sendo esta entendida, ao mesmo tempo, no sentido de um reconhecimento de status pela sociedade e também como desenvolvimento, pelo próprio corpo docente, de um repertório de competências específicas e de saberes próprios que contribuam para o sucesso educativo do maior número possível de jovens e adultos.

Importante refletir que o professor diante de um contexto de evolução do seu ofício e de sua experiência, precisa estar atento aos movimentos reais de seu fazer docente e tornar a sua experiência um saber docente. Isto significa dizer que não bastam formações e capacitações que quantificam o ensino e o ato de ensinar, não basta o tempo de experiência e o tempo que um professor passa dentro



da escola. Qualificar o ofício do professor passa pela artesanaria dele e de seu fazer, de sua experiência vivida e não a embotada.

## **EXPERIÊNCIA E REPRESENTAÇÃO DE SABERES DA DOCÊNCIA**

A origem da palavra experiência vem do latim e significa provar. É algo que se encontra e se experimenta, se prova. Seu radical grego, também, tem o significado de atravessar, passar, percorrer. Em outras línguas, aparece a referência à travessia. A palavra experiência traz consigo o mesmo prefixo de exílio, exterior e existência. Algo que indique a experiência passa pela dimensão de travessia e perigo (LARROSA, 2019).

Os valores que atribuímos às coisas e o modo como edificamos nossas habilidades, demonstram a intencionalidade e a curiosidade. É próprio do ser humano experimentar, testar, inventar e criar; é humano entender como as coisas são feitas e o quanto dependem da ação humana, responsável ou culposa, a capacidade de fazermos bem as coisas.

Em sua obra “Tremores”, Larrosa (2002, p. 28) explica que

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto agente, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.

Inclusive a paixão precisa ser vista sob várias possibilidades. Ela pode estar ligada ao sofrimento, onde o sujeito padece na paciência ou dependência de sua liberdade. Paixão é inclusão, determinação ou um amor, no sentido de desejo ao inatingível. O que importa é que toda a experiência tem um sujeito, todo ato tem uma relação entre conhecimento e vida humana.

O professor, nesse contexto, age como sujeito ativo e passivo da experiência, pois as escolas estão mergulhadas num mar turbulento de vivências instantâneas, efêmeras e velozes, que todos fazem parte do mesmo processo. Nem tudo passa pelos conceitos habituais de vida e conhecimento; ao contrário, todo saber é desigual, tanto na ciência quanto na informação, na técnica ou na prática. (LARROSA, 2019)

A razão é que os fatos já não nos chegam acompanhados de explicações. O sujeito moderno é ultra motivado, estimulado e opina em tudo, não tem e não pode perder tempo; não tem espaço para memória ou o silêncio diante da mortalidade da experiência. A impressão que se dá é que ter experiência tornou-se mais importante que o saber de experiência.

O saber da experiência vai além do tempo de experiência, as vivências proporcionam aprendizado pessoal na medida que a ação nos transforma, tornando a prática transformadora. O saber vem do jeito que cada um transforma uma experiência em aprendizado, cada pessoa tem um olhar diferente sobre um mesmo acontecimento.

Deste pressuposto, a importância da formação no fazer pedagógico do professor, as reflexões acerca de suas ações, a composição psicológica destes novos sujeitos, fundamentam a construção de valores e tradições ao ofício de ser professor. Assim, como em outras profissões, a competência profissional do professor precisa estar capacitada nos campos da ciência, da tecnologia e da arte, como fator de cultura material.

A avaliação do que fazer consigo mesmo, com os outros, com os resultados da ação auto e formadora de si mesma, é um processo que cabe ao contexto da experiência que cada um vive. Duas pessoas vivem o mesmo acontecimento, mas a experiência e o saber dela são individuais e distintos, de acordo com a entrega e a transformação que gera em si e no outro.

Para Larrosa (2019, p. 33) “tudo o que faz impossível a experiência faz também impossível a existência”. Se a experiência se converteu em experimento, ela já não é o que nos acontece mais; foi transformada em ciência e seus métodos exigem comprovação, não intuição.

O professor, como protagonista e gestor de seu ofício, precisa acreditar que as decisões passam por ele, os recortes e as escolhas são parte de sua obra, de sua entrega, também. Não bastam formas se a reforma não passarem pela prática.

O que se quer discutir é que o novo contexto educacional e os novos sujeitos exigem posicionamentos reflexivos e de mudanças de paradigmas docentes. A prática não garante experiência, tempo não garante mais qualidade. Diferencia sim, mas não representa o todo de um ofício que exigem, nos tempos atuais, formação e auto formação.

Zeichner (1993, p. 17) posiciona suas reflexões quando

O conceito de professor como prático reflexivo reconhece a riqueza da experiência que reside na prática dos bons professores. Na perspectiva de cada professor, significa que o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência e que o tipo de saber inteiramente tirado da experiência dos outros (mesmo de outros professores) é, no melhor dos casos, pobre e, no pior, uma ilusão. Reflexão também significa o reconhecimento de que o processo de aprender a ensinar se prolonga durante toda a carreira do professor e de, independentemente do que fazemos, no melhor dos casos, só podemos preparar os professores para ensinar.

Outro ponto a refletir é a responsabilidade no processo de cuidado ao ensino e à formação de si e dos alunos numa atitude reflexiva, dialógica e permanente. Aprende-se e muda-se, sempre. A vida e as experiências não são permanentes ou imutáveis; são caminhos de aprendizado mútuo entre alunos e professores, pois as experiências são compartilhadas e sentidas a partir da dimensão que se dá a elas. Nisto consiste, também, o saber da experiência, aquele que de fato ensina e modifica o ser humano.

A reflexão do trabalho do professor é uma travessia para o caminho da ação ativa, da reação persistente e cuidadosa no sentido de praticar aquilo que acredita, voltado à formação e tradição que traz dentro de si. A autoformação vai ao encontro de atitudes positivas e de abertura ao novo, do diálogo, do agir com propósito e sentimento de pertença, favorecendo possíveis alternativas e outras possibilidades.



Tardif (2003, p. 36) contribui dizendo que os saberes não apenas transmitidos

Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

Os saberes docentes estão inseridos na formação profissional, curricular, disciplinar e na experiencial. Eles fazem parte da constituição do fazer docente, são saberes oriundos da experiência, individual e coletiva, sob a forma de hábitos e habilidades, na lógica do saber e fazer, do saber e ser, parafraseando Tardif (2003).

Estudos e pesquisas mais recentes, trazem mudanças de paradigmas e concepções sociais. Todos somos sujeitos de nosso tempo, em equidade e valoração, mas cabe ao ensino a reflexão sobre mudanças e ações. A intencionalidade passa pela escola e pelo fazer docente, passa pela experiência e pela forma como tratamos a nós mesmo. Todos são sujeitos presentes dos mesmos momentos de contradições e construções, atuantes ou não, do mesmo contexto.

Nóvoa (2022, p. 04), por exemplo, traz a reflexão

Para salientar que a educação implica sempre uma intencionalidade, obriga a um esforço de construção, de criação e de composição das condições, dos ambientes e dos processos propícios ao estudo e ao trabalho dos alunos. É esse esforço que define o papel dos professores. [...] na construção de um espaço público comum da educação, [...] na criação de novos ambientes escolares e [...] na composição de uma pedagogia do encontro.

Os saberes docentes, também, estão representados com a concepção que se tem da própria escola. Assim, como outras instituições, a escola representa uma travessia entre cultura e ciência, através de sua representação no contexto e espaço em que está inserida. O papel social do trabalho do professor precisa ser redefinido diante da necessidade de valorização dos espaços educativos e da formação contínua de seus professores.

A atividade docente é cercada de uma complexidade emocional e de conflitos que permeiam o cotidiano das relações interpessoais. A “ausência da sociedade” (NÓVOA, 2014), traz para o meio escolar a responsabilidade de formar trabalhadores, garantir a equidade e a coesão social. Entretanto, não é uma tarefa fácil e só tempo de experiência não resolve, pois precisa-se saber de experiência, empatia e zelo por si e pelo outro.

Nóvoa (2014, p. 299) demonstra em suas reflexões

[...] novos sentidos para o trabalho docente, levando à valorização de um conjunto de conquências profissionais que poderão ser sintetizadas sob as formas saber relacionar e saber relacionar-se. O ‘novo’ espaço público da educação solicita os docentes para uma intervenção política, participação nos debates sociais e culturais, para um trabalho contínuo com as comunidades locais.

O professor de experiência não é aquele profissional que guarda seu saber embotado na docência, endurecido, intocável e guardado. Pressupõe ser o que consegue trazer o saber da experiência para dentro de si e atravessar, arriscar e enfrentar o “exílio”. (LARROSA, 2019)

Assim como, a paixão é um sentimento humano, a obra é a entrega de um artesão, o saber é o fazer do professor. Assim, como o sentimento e as obras, o saber precisa estar exposto, aberto e sujeito às possibilidades. Não importa se a experiência é vasta ou curta, importante é quando ela se torna sabedoria, saber docente conquistado, experiência de viver em suas infinitas possibilidades, formas e contextos de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema artesanania e experiência do professor trazem uma nova reflexão sobre o fazer docente e seus conceitos. O professor, ao longo do seu ofício, oriundo do contexto de legalização de sua profissão, tornou-se importante no processo de construção das mentalidades, sejam elas de origem científica ou artística. A escola foi o fomento desta criação quando representou a materialidade da sociedade capitalista, positivista e catedrática. Sabe-se que a educação nos tempos medievais era reservada às instituições religiosas, girando em torno do poder da Igreja e do Estado, garantia do pensamento teocêntrico da época.

Entretanto, a chegada da Revolução Industrial marcou o início da Era Burguesa, ascendente do capitalismo liberal, protagonista na acumulação primitiva de capital e parceira do positivismo. Isto é, do pensamento newtoniano e fragmentado, separando a fé da razão, o corpo da alma, a mão da mente, a ciência da arte, sob o ponto de vista de Behrens (2013). Isto significa, que a escola não era só um berço para a expressividade e a esperança, mas um berço do pensamento racional e liberal da época.

A escola estava atrelada ao sistema e efetivava a necessidade do pensamento vigente do século XX. Vigorosa na ciência e na experimentação, mas imutável na criação e no aperfeiçoamento da técnica, do reproduzir, do acumular e do aprender um ofício. O professor, legalizado em sua profissão e ofício, fez parte deste processo, também; assim, como a escola, foi aprendiz institucional na garantia do ensino e da profissionalização dos sujeitos daquele contexto.

Desta forma, os modelos de sociedade e de escola que se consolidaram, juntamente com o professor, eram os representantes deste modelo de educação, embotado e necessário para a época em questão. É próprio do ser humano a conquista, a prosperidade e a cultura material. A habilidade é uma característica humana, o dom, o talento, a perfeição são talentos humanos. Assim, como a ganância e o materialismo exacerbado são, também. É tão humano que o mesmo homem que cria, destrói em busca de novas conquistas, de novos territórios de espaço e de tempo.

O que se buscou refletir é que o professor faz parte desta construção de mentalidades e significados, diante de sua ação e atuação no processo escolar. Ora, se o modelo de escola é o mesmo,

significa que a mudança urge aos nossos pés. A experiência de um professor não pode estar atrelada ao seu tempo de experiência, nem embotada em seu fazer pedagógico.

A complexidade das coisas vai na mesma direção da dimensionalidade e do processo que vivemos hoje. Isto quer dizer, que o saber de experiência é um campo a ser muito explorado, assim como a artesanaria, numa dimensão pública e individual. O artesão, artífice, em qualquer ofício, é a representação dos novos paradigmas que bateram à porta da sociedade vigente.

Ser artesão de si traz a marca de quem age consigo e com o outro na mesma proporção, personalizando a atitude e o fazer, não num sentido irreal, mas no sentido concreto de transformação. A experiência, vivida e sentida, provoca um sentimento de pertença e pró atividade, não podendo ser guardada. A experiência não tem uniformidade, nem passividade, é única e passional, voluntária e de engajamento. Se vive ou não, transforma-se ou não, embota-se ou rompe-se, num ciclo esperançoso de renovação. Outro ponto a considerar está na formação e na necessidade de um professor reflexivo, responsável pela sua evolução e autoformação, gestor de seus processos de aprendizagem e envolvimento no fazer como ofício de sua profissionalização pessoal.

A busca pela formação pessoal vem do encontro com o mundo, das experiências reflexivas e inigualáveis de aprendizado constante. Isto não vem de um ato romantizado, mas de uma mudança de paradigma e de reflexão acerca das exigências dos novos tempos do saber e do fazer docente. O professor tem um papel fundamental na construção do espaço escolar, da garantia da aprendizagem significativa e transformadora em si mesma.

Nada se constrói sem intencionalidade ou desprovido de atitudes, posturas e reações percebidas. A docência não está alicerçada, somente, nas ciências da educação, mas em outros meios de fazer docência emergentes deste novo contexto de espaço e inserção social. Aos saberes docentes associamos a concepção que se tem da própria escola. A escola, seja como espaço de trabalho seja de espaço de aprendizado, representa, como valor agregado, um lugar definido de espaço educativo, de formação contínua e reflexiva de seus professores. Um espaço que garanta profissionalismo, ação e atuação no contexto profissional também.

Numa reflexão de aprendizado, podemos considerar que o ofício de ser professor passa pela experiência vivida e sentida, refletida e transformada. O ato de ensinar passa por toda a vida, não se esgota no tempo e nem num conceito apropriado. Os saberes docentes fazem parte da própria experiência, sejam ela profissional, curricular, emocional ou reflexiva. O professor reflexivo é aquele que analisa sua própria experiência para direcionar seus novos saberes.

O professor, nos dias atuais, tem um papel primordial ao representar um elo, uma passagem ou uma travessia entre o fazer e o refazer, o viver e o reviver, o experimentar e o provar das próprias experiências, transformando-as em possíveis saberes da experiência.

**REFERÊNCIAS**

- BERHENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GARCÍA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora 1999.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LARROSA, J. B. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019
- LARROSA, J. B. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LESSARD, C.; TARDIF, M. **O ofício de ser professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- NÓVOA, A. **Escolas e professores: proteger, transformar e valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.
- NÓVOA, A. **Vidas de Professores - Volume 4**. Coleção Ciências da Educação. Porto, Portugal: Porto, 2014.
- PIMENTA, S. G. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SENNETT, R. **O Artífice**. 10. ed. Rio de Janeiro: Aplicada, 2021.
- SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva dos professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.